



FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E TECNOLOGIA
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

LUCIANA KREIN

MULHERES CAMAÇARIENSES E SUA INSERÇÃO NA
INDÚSTRIA PETROQUÍMICA NOS ANOS 1970

Camaçari Bahia

17/08/2019

LUCIANA KREIN

**MULHERES CAMAÇARIENSES E SUA INSERÇÃO NA
INDÚSTRIA PETROQUÍMICA NOS ANOS 1970**

Monografia apresentada à Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia da UFRPE, como requisito para conclusão do curso de Licenciatura em História.

ORIENTADOR: PROF. ME. ADRIANO DE ARAUJO SANTOS

Camaçari Bahia, 17/08/2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

k92m

Krein, Luciana

MULHERES CAMAÇARIENSES E SUA INSERÇÃO NA INDÚSTRIA PETROÚMICA NOS ANOS 1970
/ Luciana Krein. - 2019.
38 f. : il.

Orientador: Adriano de Araujo Santos.
Inclui referências e apêndice(s).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em História, Recife, 2019.

1. Mulheres Camaçarienses. 2. Polo Petroquímico. 3. Mercado de Trabalho. I. Santos, Adriano de
Araujo, orient. II. Título

CDD 909

LUCIANA KREIN

**MULHERES CAMAÇARIENSES E SUA INSERÇÃO NA
INDÚSTRIA PETROQUÍMICA NOS ANOS 1970**

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Me. Adriano de Araújo Santos
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof. Me. Luciene Santos Pereira da Silva
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof. Me. Thiago Nunes Soares
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Dedico este estudo a Deus e meu querido esposo, Adeilton Barros Lemos dos Santos, por todo o companheirismo, compreensão e de certo modo participação.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer ao meu querido Deus em nome de Jesus, por permitir que eu alcançasse esse grande sonho, dando-me forças nos momentos em que nem eu mais acreditava na possibilidade desta conquista.

Agradeço a minha querida mãe, Tereza Sauter Krein, que me criou e me cuidou, buscando sempre me passar os seus conhecimentos de vida. Meu pai Erni Oscar Krein.

Agradeço ao meu companheiro, esposo, e colega de curso Adailton Barros Lemos dos Santos, pelos grandes momentos que passamos juntos, seja na vida, na compreensão, enfim, Deus nos dá presente e você foi um.

Agradeço imensamente a meu orientador Adriano de Araujo Santos, que antes de ser professor e orientador foi um amigo, em que podemos confiar, um grande profissional que nunca precisou se engrandecer para passar seus conhecimentos. Obrigada professor Adriano, este trabalho não seria possível sem sua contribuição.

Agradeço aos professores da UFRPE, que ao longo do curso contribuíram para minha formação, sem a participação de cada um, com certeza não seria possível esse momento.

Agradeço aos professores, Alcino Geraldo dos Santos, Williams Andrade de Souza, Thiago Nunes Soares, Giselda Brito Silva e a professora Luciene Santos Pereira da Silva, que em meus momentos de dúvidas pude contar com suas atenções e orientações, em disciplinas como os Estágios Curriculares, Metodologia Científica, Teoria da História.

Agradeço ao amigo Neudson dos Santos Ribeiro, um ser humano incrível com a capacidade de se colocar no lugar do outro.

Agradeço aos professores Marta Margarida de Andrade Lima e Gabriel Navarro, pela excelente orientação na disciplina de Prática como Componente Curricular VI, onde foi realizada a definição do projeto, ao qual demos sequência.

RESUMO

O objetivo de nosso estudo consistiu em analisar como ocorreu a inserção das mulheres camaçarienses no Polo Petroquímico de Camaçari/Bahia na década de 1970, após sua implantação. Considerando a desigualdade de gênero, presente em nossa sociedade, e nos mais diversos setores de trabalho, sentimos a necessidade de compreendermos como se processaram estas relações no setor industrial, em um momento tão importante da história da indústria local e nacional. Desta forma, acreditamos que este trabalho irá contribuir para ampliar a compreensão sobre questões relacionadas à desigualdade de gênero, assim como aspectos ligados a discriminação. Nosso referencial teórico teve como base autores que abordam a questão de gênero com Scott (1989) e Santos (1988) e o mercado de trabalho Guimarães (1997). A metodologia de pesquisa se deu pela vertente qualitativa com Minayo (2011). No tocante as fontes, foram realizadas consultas a documentos do arquivo público do Município de Camaçari, assim como os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), referentes aos anos 70. Ainda com relação às fontes, a História Oral, conforme trabalha Alberti (2005), também nos serviu de ferramenta de coleta de dados, para isso foram realizadas quatro entrevistas abertas, com mulheres camaçarienses, que vivenciaram a instalação do polo; para o tratamento dos resultados utilizamos a técnica de análise de conteúdo com Bardin (1977). Os resultados apontam que, as mulheres camaçarienses encontraram dificuldades de inserção na indústria, e quando inseridas recebiam menores salários e enfrentavam assédio e discriminação por parte dos chefes e companheiros de trabalho.

Palavras chave: desigualdade de gênero, mulheres, trabalho feminino, Polo Petroquímico de Camaçari.

ABSTRACT

The objective of our study is to analyze how the insertion of the Camaçari women occurred in the Petrochemical Complex of Camaçari/Bahia in the 1970s, after the implantation of the same. Considering the gender inequality present in our society and in the most diverse sectors of work, we feel the need to understand how these labor relations were processed in such an important moment in the history of local and national industry. In this way, we believe that this work will contribute to broadening the understanding on issues related to gender inequality, as well as aspects related to discrimination. Our theoretical reference was based on authors who approach the gender issue with Scott (1989) and Santos (1988), the labor market Guimarães (1997). The line of research was qualitative with Minayo (2011). Regarding the sources, consultations were carried out on documents from the public archive of the Municipality of Camaçari, as well as data from the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE), referring to the 1970s. Still in relation to sources, Oral History, Alberti (2005), served as a tool for data collection. Four open interviews were conducted with Camaçari women, who experienced the installation of the pole; for the treatment of the results we used the technique of content analysis with Bardin (1977). The results indicate that the Camaçari women found difficulties of insertion in the industry, and when inserted received lower wages and faced harassment and discrimination on the part of the bosses and companions of work.

Keywords: gender inequality, women, female labor, Camaçari Petrochemical Complex.

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A: Termo de livre consentimento esclarecido.....	35
Apêndice B: Roteiro de entrevista.....	36

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Perfil das mulheres entrevistadas.....	23
---	----

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Quadro Comparativo-6 – população empregada.....	19
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. TRABALHO E GÊNERO E A INSTALAÇÃO DO POLO PETROQUÍMICO EM CAMAÇARI	10
1.1 Questões de gênero	10
1.2 Questões relacionadas à escolaridade	12
1.3 O Exame de admissão.....	12
1.4 Assédio no ambiente de trabalho	13
2. METODOLOGIA.....	15
2.1 História oral e entrevista temática	15
2.2 Análise documental	16
2.3 Análise de conteúdo.....	16
2.4 Análise das entrevistas.....	17
3. ANÁLISE DOCUMENTAL: REGISTRO DO ARQUIVO PÚBLICO E DADOS DO IBGE	18
3.1 Documentos do arquivo público.....	18
3.2 Dados do IBGE: relação de horas semanais trabalhadas entre homens e mulheres e escolaridade	19
4. RELATOS DAS ENTREVISTAS E ANÁLISE DOS RESULTADOS	22
4.1 História e memória: as vozes femininas	22
4.2 Análise individual: relatos de vidas.....	24
4.2.1 Entrevista com a senhora A	24
4.2.2 Entrevista com a senhora B	25
4.2.3 Entrevista com a senhora C	27
4.2.4 Entrevista com a senhora D.....	28
4.3 Análises dos resultados.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33
IBGE. Censo Demográfico Bahia - VIII Recenseamento Geral, 1970.	33

INTRODUÇÃO

Nossa proposta consistiu em analisar a inserção das mulheres camaçarienses no Polo Petroquímico de Camaçari/Bahia na década de 1970. Para tanto, nos propomos a investigar como foram planejadas as ações ou mesmo as oportunidades de trabalho para as cidadãs de Camaçari, na indústria petroquímica. A escolha do período se deu por conta da instalação desse complexo, no ano de 1978, e pelo seu grande potencial de ofertar novos postos de emprego.

Como objetivos específicos, propomos: descrever e analisar o perfil das mulheres entrevistadas; identificar as possibilidades de trabalho geradas pela implantação do polo petroquímico; caracterizar a percepção das mulheres sobre a empregabilidade feminina no mercado de trabalho da cidade de Camaçari no complexo Petroquímico.

Guimarães (1997) compreende que a implantação do Polo Petroquímico na Bahia, a partir de 1978 incorporou amplos contingentes de trabalhadores, oferecendo condições especiais e inovadoras que visavam estabilizar uma força de trabalho. Brito e Vanin (2015) esclarecem que, durante toda a década de 1970, a indústria petroquímica viria a ser o grande vetor de incorporação de mão de obra baiana, definindo o mercado de trabalho e o processo de qualificação na Bahia.

Considerando a desigualdade de gênero, que ainda se faz presente em nossa sociedade, e nos mais diversos setores de trabalho, sentimos a necessidade de compreendermos como se processaram tais relações de trabalho e gênero. Desse modo, nos interessa compreender as diferentes formas de discriminação que muitas mulheres sofrem, no momento em que buscam uma oportunidade no mercado de trabalho.

Nesta perspectiva Goldschmidt (2008, p. 250), afirma que “a discriminação de alguns segmentos de trabalhadores perante o mercado de trabalho é um problema sério que precisa ser esclarecido e combatido”. Para o autor, não deveria haver preconceitos entre o trabalho masculino e o feminino, no entanto, não é isso que se observa na prática. O mesmo esclarece que a mulher é veladamente discriminada no mercado de trabalho, sendo dificultados o acesso e a permanência no emprego, quer pelas restrições no critério de admissão, mediante uma possível maternidade, quer na permanência no emprego, pelo salário inferior que recebe se comparado ao salário do homem.

Para Silva, et al. (2014) a inserção da mulher no mercado de trabalho ainda a remete a conflitos e desafios ligados a preconceitos e acúmulo de atividades, assim como a sua própria autossuperação quanto a sua capacidade de desempenhar variadas funções, vistas como exclusivamente masculinas.

Desta forma, acreditamos que este trabalho irá contribuir para ampliar a compreensão sobre questões relacionadas à desigualdade de gênero, assim como aspectos ligados a discriminação, compreendemos que, por meio de estudos de acontecimentos ocorridos no passado, é possível alcançarmos um melhor entendimento de questões tão enraizadas e presentes em nosso país, problemas que ainda hoje são comuns e noticiados nos veículos de comunicação.

Nossa pesquisa está estruturada em quatro capítulos. No capítulo um, trabalhamos com o marco teórico que embasa nossa pesquisa, especialmente os autores Brito e Vanin (2015); Guimarães (1997); Pacheco (1997); Santos (1998); e Scott (1989), que tratam das questões de gênero, e escolaridade.

O segundo capítulo se dedica ao percurso metodológico. Para a abordagem qualitativa, apoiamos-nos em Minayo (2011), já para análise documental Ludke e André (1986), para a entrevista temática e história oral, Alberti (1997), e com relação à análise do conteúdo Bardin (1977).

Na sequência, temos o terceiro capítulo, contendo as análises documentais do arquivo público de Camaçari e dados do IBGE.

Já o quarto capítulo destina-se aos relatos das entrevistas e análise dos resultados. Por fim, temos as considerações finais, que sintetizam nossos achados e a contribuição da pesquisa para a compreensão do nosso objetivo.

No tocante aos resultados, os mesmos apontam que, as mulheres camaçarienses encontraram dificuldades de inserção na indústria, e quando inseridas recebiam menores salários e enfrentavam assédio e discriminação por parte dos chefes e companheiros de trabalho.

1. TRABALHO E GÊNERO E A INSTALAÇÃO DO POLO PETROQUÍMICO EM CAMAÇARI

Este foi o momento em que nos dedicamos à busca por materiais bibliográficos, ou seja, autores que pesquisaram a temática em questão. Dessa forma, nos foi possível compreender como se caracterizam as relações de trabalho entre homens e mulheres. Percebemos na maioria das vezes que as vagas de trabalho eram ofertadas para os homens, as que se destinavam as mulheres geralmente eram menos representativas, com salários menores, inclusive.

Nosso estudo se concentrou nos anos de 1970, observando como a implantação do complexo petroquímica em Camaçari Bahia alterou o cotidiano das mulheres da época. Nosso objetivo maior diz respeito às mulheres camaçarienses, mas devido a não termos encontrado material, falando sobre essas mulheres em específico, apresentaremos um estudo relacionando a mulher baiana da época.

Pacheco (1997, p. 61), menciona esta falta de estudos referentes à inserção das mulheres e “afirma que essas análises remetem à necessidade de aprofundarmos o estudo sobre o trabalho feminino no Polo de Camaçari”. Desta forma, a autora considera praticamente inexistente a disponibilidade de dados sobre a incorporação das mulheres nas empresas prestadoras de serviços.

1.1 Questões de gênero

Ao falamos em questões relacionadas a gênero é importante mencionarmos Joan Scott, professora da Escola de ciências Sociais do Instituto de Estudos de Princeton, Nova Jersey, é especialista na história do movimento operário no século XIX e do feminismo na França. Sem dúvida, é uma das mais importantes teóricas sobre o uso da categoria de gênero. Seus trabalhos contribuíram para o surgimento de novas perspectivas relacionadas aos estudos na área.

No artigo Gênero: uma categoria útil de análise histórica (1995), publicado originalmente em 1986, a autora define gênero como sendo um elemento constitutivo de relações sociais, que são fundamentadas nas diferenças percebidas entre os sexos, sendo assim, gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. Ou seja, compreende gênero como um saber sobre as diferenças sexuais, e que existe uma relação inseparável, única entre saber e poder. Gênero

então estaria ligado, imbricado a relações de poder, assim gênero pode ser entendido como uma percepção sobre as diferenças sexuais. Vejamos a colocação da autora:

O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único. (SCOTT, 1989, p.21).

Scott (1989) afirma que os significados de gênero e de poder são construídos, a mesma aponta que um aspecto importante para nós, diz respeito a compreendemos as diferentes formas estruturais da sociedade, como por exemplo, a estrutura social, perceber que a mesma é alicerçada sobre relações de poder. Dessa forma, são relações de domínio de um grupo sobre outro, tais relações de dominação passam a existir a partir de divisões entre os grupos, que fazem parte daquele contexto e os que não fazem parte.

Já Brito e Vanin (2015) mencionam que o fato de as mulheres terem sido, historicamente, designadas ao trabalho doméstico impôs certas restrições ao acesso das mesmas ao mercado de trabalho. Segundo as autoras, para fazerem parte da população economicamente ativa as mulheres tiveram que se adequar tanto às imposições geradas pelo mercado de trabalho, quanto às estabelecidas pelo modelo de família patriarcal na qual estavam socialmente inseridas.

Dessa forma, na década de 1970 as relações sociais, sustentadoras das concepções patriarcais que designavam às mulheres a responsabilidade pelas atividades ligadas à reprodução, ainda se apresentavam como forças limitadoras ao ingresso e permanência das mulheres no mercado de trabalho. (BRITO E VANIN, 2015).

Para Santos (1998) o debate sobre as desigualdades da participação feminina no mercado de trabalho nos remete às relações de gênero. Conforme a autora, as desigualdades de gênero dizem respeito à forma como certas características biológicas classificam os indivíduos tendo como base as diferenças naturais, que são manipuladas na sociedade de modo a ocultar desigualdades sociais que estão fundamentadas nas relações de poder desiguais entre homens e mulheres.

Santos (1998) destaca ainda que, seguindo esta lógica, havia que se retirar das mulheres o controle sobre seu trabalho e tratar de acentuar a qualidade de reprodutoras. Dessa forma, precisam de cuidados especiais por parte dos homens. Assim, a dependência e a naturalização das diferenças sociais existentes nas relações de gênero marcam a trajetória de inserção da mulher no mercado de trabalho.

1.2 Questões relacionadas à escolaridade

Guimarães (1997) coloca que em 1970 as gerações dos trabalhadores que foram recrutados para o Polo de Camaçari Bahia, tinham como requisito o segundo grau completo, ou em conclusão, no entanto, ao analisar os dados de trabalhadores do polo, constatou-se que as vagas foram ocupadas majoritariamente por homens, mesmo havendo mulheres com a formação requerida.

Santos (1998), também reforça nosso discurso, e afirma que no período compreendido entre 1970 e 1980 as mulheres apresentavam um nível maior de escolaridade em comparações os homens, condição esta que não se reflete em melhores colocações de trabalho ou salários. A autora afirma que as mulheres com estudo relativo ao 2º grau na época, correspondiam a mais da metade do total da população.

Ainda na concepção de Santos (1998), característica semelhante se dá entre aquelas com nível superior, onde se observa um significativo crescimento da escolaridade entre as mulheres, chegando em 1994 com quase 1/3 das mulheres possuindo curso superior completo.

Com relação aos homens, a autora afirma que, os percentuais de homens nos níveis de mais baixa escolaridade são maiores que os das mulheres, “chegando a ser três vezes maior como entre os trabalhadores com estudos entre 5ª e 8ª série”. (SANTOS. 1998, p. 54).

1.3 O Exame de admissão

O tema do exame de admissão e sua relação com o a empregabilidade das mulheres, não estava previsto inicialmente, surgiu a partir das entrevistas que realizamos, as depoentes relataram que mesmo tendo feito o exame e concluído o

ginásio muitas mulheres não conseguiram trabalho no polo, por isso foi necessário compreender o que era e sua importância para o processo de escolarização do período.

O Exame de admissão tinha como objetivo avaliar os estudantes e permitir seu ingresso no ginásio, esse modelo de avaliação acabava excluindo grande parte dos estudantes que não tinham os recursos necessários para poderem participar do processo e o preparo para a obtenção da nota mínima, como explica Minhoto (2008, p. 451).

O exame de admissão ao ginásio foi instituído em 1931, pelo Decreto nº 19.890, de 18/04/31, que reformou o Ensino Secundário, perdurando oficialmente até 1971. Para o ingresso no primeiro ano ginasial, estabeleceu as seguintes condições: o candidato deveria ter idade mínima de 11 anos; ser aprovado em exame e ter classificação suficiente, isto é, o número de vagas na instituição de ensino deveria bastar para que pudesse efetuar a matrícula; a inscrição só poderia se realizar mediante requerimento, atestado de vacinação antivariólica e recibo de pagamento de taxa de inscrição, além de ser limitada a um único estabelecimento de ensino (arts. 18 a 23, do Decreto nº 19.890, de 18/04/31).

Como destacado por Minhoto (2008) quando o aluno concluída a 4ª série do primário, caso desejasse continuar seus estudos relativos ao ensino ginasial, necessitava ser aprovado no exame de admissão. Caso o aluno reprovasse, passaria mais um ano estudando a 5ª série do primário. Observamos também que para a realização do exame era exigido, atestado de vacinação antivariólica e recibo de pagamento de taxa de inscrição.

O exame era extremamente seletivo e excludente, sendo na Bahia, a aprovação de mulheres maior que a dos homens (IBGE, 1970), o que não significou maior empregabilidade para as elas.

1.4 Assédio no ambiente de trabalho

No início do nosso trabalho também não pensamos em trabalhar a questão do assédio, como tema surgiu espontaneamente nas entrevistas, percebemos sua importância para compreensão das relações de gênero e poder que se davam na sociedade camaçariense do período estudado.

Não é novidade em nossa sociedade que a mulher tem sido vítima de assédio sexual ao longo dos tempos, e em todas as profissões, sendo que tal prática, nem

sempre teve essa denominação. Para Lobianco (2012, p. 63) “O assédio é um tipo de conduta que sempre existiu na história da humanidade, embora o termo assédio tenha sido mais utilizado recentemente”. Ou seja, dentre as inúmeras barreiras a ser ultrapassada pelas mulheres, referente ao campo profissional, a prática do assédio é mais uma.

O autor afirma ainda que “a origem do assédio sexual está associada à prática medieval do *jus primae noctis* (direito à primeira noite), que possibilitava ao senhor do local a passar a noite de núpcias com mulheres que contraíssem matrimônio”. (LOBIANCO. 2012, p. 63).

No polo, as mulheres sofriam assédio de diversas formas, tendo que se submeter a momentos de humilhação para garantirem seus postos de trabalho, como detalharemos na análise das entrevistas.

2. METODOLOGIA

A metodologia é o caminho que o pesquisador percorre para atingir os objetivos propostos na compreensão do seu objeto de estudo. Sua escolha não é aleatória, mas proposital, pois define os instrumentos e o método de análise dos dados.

Para tanto, nossa escolha se deu pela vertente qualitativa, por ser uma proposta que trabalha com reflexão das perspectivas e percepções dos sujeitos investigados, de acordo com Minayo (2011, p. 21), “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares”. Deste modo, a autora destaca que a pesquisa qualitativa vai trabalhar com universo dos significados, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.

A autora esclarece ainda que, tal conjunto de fenômenos humanos pode ser compreendido como parte da realidade social, pois o ser humano se diferencia não só por agir, mas também por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

2.1 História oral e entrevista temática

Na realização de nossa pesquisa, articulamos a análise documental com a história oral, através das entrevistas com as mulheres que viveram na cidade durante a implantação do polo.

Conforme Alberti (2005), a História oral é entendida como metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida no início do século XX, com a criação do gravador a fita. A autora esclarece que a mesma se fundamenta na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram ou testemunharam acontecimentos do passado e do presente.

Essa opção metodológica permite conhecer as experiências e modos de vida de diferentes grupos sociais (ALBERTI. 2005), permitindo ao pesquisador acesso a dados e relatos variados que são analisados e possibilitam compreender como se davam as relações em um determinado período.

Como instrumento de coleta de dados, acreditamos ser mais adequado o uso de entrevistas temáticas. Alberti (2005, p. 175), explica que: “as entrevistas temáticas são as que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado

no tema escolhido”. Assim para a autora as entrevistas temáticas são aquelas que priorizam a participação do entrevistado no tema desejado.

Para tanto, realizamos entrevistas abertas com um total de cinco mulheres, que moravam na cidade de Camaçari, no período de implantação do Polo Petroquímica. Acreditamos que ninguém melhor do que as próprias mulheres para, nos fornecer as pistas que nos orientaram na compreensão de nossa proposta. A escolha dessas mulheres ocorreu pelo fato de estarem presentes na época de instalação do polo, assim são mulheres, mães, esposas que de algum modo, tiveram seus cotidianos alterados com a chegada desse Complexo. A consulta a outras fontes também será realizada.

Nesse sentido, as fontes orais foram à base dos dados analisados, sendo complementados com documentos do arquivo da prefeitura de Camaçari sobre a implantação do polo petroquímico em Camaçari e dados coletados no site do IBGE.

2.2 Análise documental

Empregamos a análise documental por ser uma técnica que se adéqua a abordagem de dados qualitativos. Conforme Lüdke e André (1986, p. 38) essa técnica “possibilita a complementação de informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema, ou de um problema”. As autoras compreendem por documentos, quaisquer materiais escritos que possam ser utilizados como fonte de informações relacionadas ao comportamento dos indivíduos.

Na concepção das autoras os documentos compreendem uma fonte de grande utilidade, pois por meio dos mesmos podem ser obtidas evidências que alicercem afirmações dos pesquisadores. Lüdke e André (1986, p. 39) esclarecem que “como técnica exploratória a análise documental indica problemas que devem ser mais bem explorados através de outros métodos”. A mesma pode ainda, complementar informação obtida por outras técnicas de coleta.

2.3 Análise de conteúdo

A técnica de análise de conteúdo foi utilizada para a compreensão dos dados. Como proposto por Bardin (1977), a técnica pode ser compreendida, como sendo

um conjunto de instrumentos metodológicos que se aperfeiçoa constantemente, podendo ser aplicado a discursos diversificados, tendo maior enfoque na área das ciências sociais.

Para a autora o método consiste em estabelecer objetivos bem definidos e que servem para nos mostrar aquilo que está oculto no texto, por meio da decodificação da mensagem. A principal função da análise do conteúdo é o de descobrir ou mesmo o desvendar, aquilo que não está obvio aos nossos olhares.

2.4 Análise das entrevistas

Aplicamos a entrevista em nossa pesquisa, por esta representar um instrumento fundamental para a coleta de dados. A mesma possibilita um apanhar das informações desejadas, adequando-as a qualquer tipo de entrevistado. Na entrevista a relação estabelecida é pautada na interação entre aquele que pergunta e o que responde

Para Lüdke e André (1986, p. 34), “a grande vantagem dessa técnica em relação às outras é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos”.

Uma entrevista que tenha sido cuidadosamente elaborada possibilita a compreensão de assuntos de “natureza estritamente pessoal e íntima assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais”. (LÜDKE E ANDRÉ, 1986, p. 34), Para as autoras a técnica de coleta de dados pode ser compreendida como um dos principais instrumentos utilizado nas pesquisas das ciências sociais, desempenhado importante papel nos estudos acadêmicos.

3. ANÁLISE DOCUMENTAL: REGISTRO DO ARQUIVO PÚBLICO E DADOS DO IBGE

3.1 Documentos do arquivo público

Em visita ao Arquivo público da prefeitura de Camaçari, conseguimos acesso a documentos que foram de grande contribuição para o desenvolvimento de nossa proposta.

Ao analisarmos os documentos referentes ao planejamento do polo e os dados estáticos de escolarização e a ocupação dos postos de trabalho, percebemos que as mulheres camaçarienses na época de instalação do complexo petroquímico, não tiveram as mesmas oportunidades de trabalho que os homens, no setor industrial. Essa constatação foi possível graças ao acesso a documentos planejados pela prefeitura municipal de Camaçari na época, tal documento destinava-se ao desenvolvimento de programas sociais de planejamento.

As ações para a qualificação da mão de obra ocorreram mais intensamente na esfera masculina, ao consultarmos, o Programa de Desenvolvimento Social de Camaçari, referente a janeiro de 1975, realizado pela prefeitura municipal em conjunto com o governo do estado da Bahia, e secretaria das minas e energia, percebemos que houve uma maior preocupação em qualificar a população masculina, conforme o fragmento:

Tem-se, portanto 419 homens e 190 mulheres que obtêm rendimento inferior ao mínimo previsto por Lei num total de 609 pessoas. Propõe-se como medida imediata para correção desta distorção: Dar prioridade a mão de obra masculina, principalmente aos chefes de família, quanto a: emprego, treinamento e melhoria de rendimento. Orientar as 190 mulheres que recebem menos de um salário prestando serviços pessoais, no sentido de racionalizar esse trabalho através de cursos de atividades domésticas, tais como: doceira, costureira lavadeira e empregada doméstica". CAMAÇARI, Prefeitura de. Programa de Desenvolvimento Social de Camaçari. Governo do Estado da Bahia - Secretaria das Minas e Energia, 1975, p. 39-40.

Dessa forma, a qualificação para o setor industrial na época foi voltado mais para o universo dos homens, restando para as mulheres, cursos para os afazeres domésticos. O programa foi parte integrante do Plano Diretor do Complexo Petroquímico, ele serviu, para planejar políticas de ações que seriam executadas

pela Prefeitura Municipal em apoio à implantação do Polo Petroquímico, integralmente com o Governo do Estado da Bahia.

Brito e Vanin (2015), trabalham com a questão da separação do trabalho por gênero e analisam o fato das mulheres terem sido, historicamente, designadas ao trabalho doméstico, o que repercutiu no baixo índice de mulheres que ingressavam em setores de indústria, comércio e serviços.

Ainda na documentação correspondente ao Programa de Desenvolvimento Social de Camaçari, observamos um quadro comparativo, da população empregada, na indústria. Na verdade temos uma comparação realizada entre os principais bairros de Camaçari, relacionando homens e mulheres, correspondentes a época de implantação do Polo. Essa análise também demonstra que no período existiam mais homens ocupando cargos nas indústrias, do que mulheres.

Assim ao observarmos na figura 1, o Quadro Comparativo-6, nele podemos verificar que, dentre a população empregada, em todos os bairros a masculina é predominante. Desse modo, observamos que o bairro que contém mais homens empregados é o Buri, com uma média de 57 homens a mais. Sendo que o bairro Ponto Certo foi o que apresentou um número maior de mulheres exercendo algum tipo de trabalho na indústria.

Portanto, por meio dos dados do Quadro Comparativo-6, confirmamos que no período de implantação do complexo petroquímico, realmente havia mais homens do que mulheres empregadas na indústria.

POPULAÇÃO EMPREGADA

QUADRO COMPARATIVO – 6

	Lama Preta	Ponto Certo	Papa Mel	Bomba	Buri
População empregada	28,3	32,7	31,9	25,8	33,3
Mão-de-obra masculina	78,0	75,4	78,6	76,4	88,7
Mão-de-obra feminina	22,0	24,6	21,4	23,6	11,3

Figura 1 CAMAÇARI, Prefeitura de. Programa de Desenvolvimento Social de Camaçari. Governo do Estado da Bahia – Secretaria das Minas e Energia, 1975, p. 91.

3.2 Dados do IBGE: relação de horas semanais tralhadas entre homens e mulheres e escolaridade

A contratação de mão de obra feminina e masculina, assim como dados referentes à alfabetização da população baiana, são informações que podemos

analisar por meio de dados do IBGE, no Censo Demográfico Bahia, realizado em 1970. O Censo não é específico do município de Camaçari, mas apresenta dados que podem nos auxiliar na compreensão de nosso estudo.

No Censo Demográfico Bahia de 1970 (IBGE. 1970, p. 67), observamos uma maior quantidade de horas trabalhadas semanalmente por homens, estes dados demonstram que a maior parte dos postos de trabalho, era ocupado por mão de obra masculina.

Esse fato é muito importante porque nossas fontes orais e o referencial teórico convergem para uma determinada direção, ou seja, dialogam entre si. Este fato nos permitiu entender e visualizar como ocorreu a inserção das mulheres na indústria.

O censo apresenta ainda dados referentes à ocupação e profissão de homens e mulheres, relacionando-os a quantidade de horas semanais trabalhadas pelos mesmos. Temos a relação de horas semanais compreendidas entre 40 a 49 horas. Vejamos as principais ocupações: Ocupações das indústrias de transformações e da construção civil têm 137.544 homens trabalhando neste setor, enquanto apenas 23.077 mulheres, ocupam cargos nesta área. Dessa forma, o Censo Demográfico Bahia, nos mostra que na década de 1970, havia 114.467 homens a mais que as mulheres nesta ocupação.

Já com relação às ocupações na indústria metalúrgica, os dados são ainda mais discrepantes, pois temos 223 homens para apenas 4 mulheres. Fundidores de metais, temos 135 homens, e nenhuma mulher exercendo esta função. E com a função de soldador não foi diferente, 1684 homens e só 4 mulheres, (IBGE. 1970, p. 67).

Procuramos investigar dados relativos à alfabetização, destacamos os que o censo de 1970 apresenta sobre os anos de estudos, entre homens e mulheres, com idades de 19 anos.

Observamos assim, que na quinta e sexta series cursada antes do antigo Exame de admissão, equivalentes ao ensino secundário têm: 1.113 mulheres para 1.083 homens, o que corresponde a 30 mulheres a mais com a mesma escolaridade. Após o Exame de admissão, fica evidente que as mulheres se também eram em maior número, para este nível de estudo os homens somavam 4.748, e as mulheres totalizavam 5.391, o que corresponde a 643 mulheres a mais. (IBGE. 1970).

No ensino superior a relação de escolaridade entre homens e mulheres também se mantém, os dados do IBGE apontam que cursaram a primeira série do grau superior 530 homens, já as mulheres aparecem com um total de 700 cursando a mesma série (IBGE. 1970, p. 29).

Com base nos dados referentes à ocupação dos postos de trabalho e a escolarização, percebemos que os fatores que mantiveram boa parte, das mulheres fora do polo petroquímico, não foram aspectos relacionados à escolaridade, mas sim, questões relacionadas a gênero conforme afirmam Scott (1989) e Santos (1998), que dialogam nesta perspectiva, quando afirmam que a escolarização era menor entre os homens, mas eram eles que conseguiam trabalho, mesmo quando se exigia escolarização.

4. RELATOS DAS ENTREVISTAS E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Apresentamos neste capítulo os dados e a análise das entrevistas, com a voz das mulheres camaçarienses que viveram na cidade nos anos de 1970, buscando compreender como elas perceberam o mercado de trabalho e a inserção feminina durante a implantação do polo.

4.1 História e memória: as vozes femininas

A seguir descreveremos alguns passos e observações considerados importantes para nossa pesquisa. Nossa primeira preocupação foi com a seleção das fontes, e quais seriam as mais adequadas para nosso estudo. Passado esse período de escolha optamos pela História Oral, no caso as fontes orais como as entrevistas. Como colocado por Alberti (2005), a riqueza da História oral está relacionada ao fato da mesma, permitir o conhecimento de experiências e modos de vida de diferentes grupos de pessoas, nos possibilitando acesso a uma multiplicidade de histórias dentro da história.

Ciente de nossas escolhas foi o momento de selecionar o público a ser entrevistado, e como este poderia contribuir para o que nos proponho pesquisar. A partir desse contexto, procuramos estabelecer os primeiros contatos com nossas fontes, no caso mulheres com vivências suficientes, para nos relatar suas experiências, no campo ao qual estamos estudando.

Dessa forma, entramos em contato com as mesmas explicando do que se tratava, narramos nossa proposta, e todas as mulheres acharam bem interessante compartilhar algo que já havia acontecido há tanto tempo na vida delas. Sendo assim, nos propomos a estabelecer uma relação de confiança, mostrando que não estávamos ali apenas para saber assuntos sem importância, mas sim para ouvir o que as mesmas tinham a dizer sobre parte da vida delas.

De início, nossas entrevistadas ficaram um pouco nervosas, com receio de não corresponder aos propósitos da nossa entrevista. Esclarecemos que elas poderiam ficar a vontade, seria um simples dialogo. Desse modo, achamos ser mais adequada a entrevista aberta, apenas com questões norteadoras, pois como bem pontuado por Oliveira (2008) esta técnica não nos limita, proporcionando assim um diálogo mais amplo entre entrevistador e entrevistado.

O questionário se encontra no apêndice b. Vamos agora conhecer um pouco de nossas entrevistadas. Para preservar os nomes das mesmas as chamaremos de senhora A, B, C e senhora D.

O total de entrevistadas foi de quatro mulheres, pretendíamos ter um quadro mais abrangente de entrevistas, no entanto por falta de mulheres que se adequassem ao perfil desejado, só foi possível entrevistar as senhoras A, B, C e D.

A seleção destas participantes se deu, especialmente porque todas tiveram diferentes formas de contato com o polo, dando-nos um panorama amplo da percepção feminina sobre a inserção das mulheres no empreendimento.

As senhoras A e B, foram escolhidas, por terem exercido funções diferentes na indústria, na época, nos possibilitando assim analisar como ocorreu a trajetória de trabalho de cada uma, observando questões pertinentes.

Já a nossa entrevistada C não teve vínculo empregatício no setor industrial, no entanto, manteve amplo contato com trabalhadores e trabalhadoras na época, pois possuía um restaurante que atendia aos trabalhadores do polo.

Por fim, temos a senhora D, que não teve experiência com o trabalho remunerado, sua seleção se fez para que se possa ter uma visão, ou opinião, de alguém que não fez parte dos processos de empregabilidade, na referida época. Buscamos assim, verificar se ocorreriam grandes divergências, nos depoimentos, pois confrontar experiências de vidas diferentes pode contribuir para uma melhor análise.

A seguir apresentaremos na tabela de número três, um resumo do perfil das entrevistadas.

	IDADE	ESCOLARIDADE	ESTADO CIVIL	OCUPAÇÃO DURANTE A DÉCADA DE 1970
Senhora A	De 60 a 70	Ensino médio completo	Casada	Tecelã
Senhora B	De 60 a 70	Ensino fundamental completo	Solteira	Soldadora
Senhora C	De 60 a 70	Ensino médio completo	Solteira	Comerciante no ramo de alimentação
Senhora D	De 60 a 70	Ensino superior completo	Viúva	Não realizou trabalho no setor industrial

Tabela 1: Perfil das entrevistadas.

4.2 Análise individual: relatos de vidas

A seguir apresentaremos os resultados obtidos em nossas entrevistas, para uma melhor compreensão do que foi obtido, achamos mais adequado separar as entrevistas por ordem. Dessa forma, primeiramente compartilharemos os diálogos com as entrevistadas que exerceram funções remuneradas, na indústria petroquímica.

Na sequência, temos a senhora C, que exerceu atividades no ramo de alimentação, e por fim, a depoente que não teve experiência com o trabalho remunerado. As temáticas trabalhadas norteiam-se com questões relacionadas aos seguintes fatores: O polo petroquímico e o desenvolvimento econômico e comercial de Camaçari; Gênero e empregabilidade no polo petroquímico da Bahia e gênero e relações de poder.

4.2.1 Entrevista com a senhora A

A senhora A, nos concedeu uma entrevista, na residência de sua irmã a senhora C, que também vivenciou o período ao qual estamos analisando. A mesma afirmou ter trabalhado durante 15 anos como tecelã no Polo Petroquímico, e que para conseguir esta oportunidade de trabalho, precisou ir à portaria da empresa por semanas, até que foi chamada para contratação, dessa forma, a mesma considerou ter sido muito difícil conseguir uma vaga de trabalho.

No que diz respeito a questões como salário, a senhora A, informa que sempre recebeu menos que os homens, e não era diferente com suas colegas de trabalho. Dessa forma, ela afirma que mesmo os homens possuindo menor grau de instrução, recebiam os melhores salários, e os postos de chefia eram sempre ocupados por eles.

A senhora A, nos revelou ainda, que obteve muitas conquistas neste período em que trabalhou, conseguiu criar os quatro filhos, no entanto a mesma nos contou que sofreu muito com as práticas de assédio sexual dentro da empresa, vivenciou muita discriminação por ser mulher. Dessa forma, a senhora A em nosso dialogo afirma que sofreu muito com os assédios, e só não pediu demissão porque realmente precisava daquele trabalho.

A mesma esclarece que os assédios partiam de seu encarregado, que na época era chefe do setor das mulheres, e que ao chegar à empresa ouvia várias colegas de trabalho comentar, que só permanecia no trabalho quem cedesse às vontades do encarregado. Vejamos seu relato “Aqui só fica quem cede os caprichos dele, se não ceder ele manda embora”. A mesma não soube nos dizer se as chefias, no caso os supervisores do encarregado sabiam destes acontecimentos.

Então a senhora A, nos explicou que chegou até seu encarregado e lhe falou da seguinte forma “eu não estou aqui para isso, para fazer o que o senhor esta pensando, eu vim aqui para trabalhar para criar meus quatro filhos que dependem de mim”. Então após a mesma ter deixado claro que não cederia a suas vontades, o mesmo passou a humilha-la a persegui-la, colocando-a em trabalhos mais difíceis. As humilhações ocorriam na frente dos demais funcionários, a mesma relembra que muitas vezes passou da hora do almoço, até que ele a liberava para almoçar, quando todos os outros já haviam almoçado.

A mesma trouxe um relato de como ele a humilhava na presença das colegas “na época eu abastecia as mesas das costureiras, tinha que botar 100 sacos para cada costureira, ele ia lá e jogava tudo no chão, me fazia contar tudo de novo”. A mesma diz que nessas horas ai ao banheiro e chorava, mas não desistia do trabalho, e assim foi indo até que ele foi esquecendo-se dela. Mais uma vez, a nossa entrevistada afirma que se fosse homem, não teria passado o que passou, tanto em termos de receber salários mais baixos que os dos homens, com o mesmo nível de escolaridade seu, quanto os inúmeros constrangimentos com os assédios sexuais de seu encarregado.

4.2.2 Entrevista com a senhora B

A senhora B nos concedeu uma entrevista realizada na residência da senhora C, que também participa de nossos estudos. A senhora B, nos disse que não encontrou dificuldades para conseguir uma oportunidade de trabalho no Polo Petroquímico, isso segundo a mesma devido às empresas ter feito convenio com o SENAI na época.

Explica-nos a mesma, que era uma escola voltada a formação profissional em diversas áreas, tais como soldador, encanador, eletricista, instrumentista entre outras, a escola estava localizada na cidade de Camaçari mesmo. As vagas eram

gratuitas, tanto para homens quanto para as mulheres, no entanto a senhora B afirma que o percentual correspondia a 2 mulheres para cada 50 homens matriculados. Nossa entrevistada exerceu o cargo de soldadora.

A senhora B, também afirma que havia mais homens trabalhando do que mulheres, e que estes recebiam mais por seu trabalho, e que em muitos casos as mulheres possuíam mais instruções que os homens. Quando perguntamos se na opinião da mesma, a implantação do complexo petroquímico trouxe melhorias para as mulheres camaçarienses, a resposta foi sim. Nossa entrevistada nos explica que na época havia muitas mulheres sem qualificação profissional, e que a partir do acordo entre empresas e SENAI, muitas camaçarienses tiveram a chance de se qualificar, o que não havia antes da instalação do polo.

Ao perguntamos à senhora B se a mesma algum vez sofreu discriminação em seu ambiente de trabalho, a resposta foi rápida, “sim sofri muito”. Assim a senhora B, nos descreve que foi muitas vezes vítima de assédio sexual “sempre teve em Camaçari, nunca deixou de ter, mas a gente que é mulher precisa trabalhar”. E complementa que muitas colegas de trabalho sofriam com as investidas, já outras perderam o marido, ou ainda o emprego, por conta desses assédios. As investidas partiam dos encarregados, e também dos próprios colegas de trabalho.

Quando perguntamos para nossa entrevistada, se teve apoio da família por conta, de tudo que estava se passando, ela nos disse que seu marido na época não aceitava que ela continuasse trabalhando, “eu mesma sofri, porque meu marido mesmo disse ou eu desistia ou o casamento acabava”. Assim o casamento acabou. A senhora B, confessou que na ocasião ficou meio em dúvida, sobre qual decisão tomar, mas que graças a conselhos de seu professor, a mesma optou pelo trabalho. O professor então lhe disse, o casamento pode acabar, e você corre o risco de ficar sem trabalho e sem profissão.

Já finalizando nosso dialogo, a senhora B, fez um comentário da seguinte forma “a mulher tinha que se manter em seu lugar, se ela foi pra lá, como profissional ela precisava agir como profissional”. Desta forma, a mesma complementa afirmando que, duas ou três mulheres trabalhando no meio de mais de mil homens, não era fácil, afirma ainda, que em outros setores, ou profissões não era muito diferente.

Dessa forma, a senhora B afirma que, as oportunidades só foram dadas as mulheres por conta da falta de mão de obra masculina. Com relação às mulheres,

terem recebido alguma orientação, por conta de empresa, no que diz respeito à segurança, ou mesmo as práticas de assédio, nossa entrevistada garante que não recebeu nenhuma recomendação.

4.2.3 Entrevista com a senhora C

A senhora C nos recebeu em sua residência e informou que não chegou a trabalhar no Polo Petroquímico, como foi o caso de sua irmã a senhora A. Afirma que na época de implantação do complexo petroquímico, trabalhava no ramo da alimentação. A senhora C, também concordou que a instalação do polo, trouxe benefícios para as mulheres camaçarienses, pois mesmo que as mesmas não tivessem seus empregos diretos, com a carteira assinada, outras formas de trabalho foram geradas, e isso possibilitou melhorias na qualidade de vida das mesmas.

Ao perguntamos, a sua opinião com relação à oferta de trabalho, se estas foram oportunizadas de modo igual, tanto para homens quanto para as mulheres, ela é categórica em sua afirmação, “os homens tiveram mais oportunidades de trabalho”. Ao questionarmos o porquê, ela afirma que pelo simples fato de serem mulheres.

Conforme nossa entrevistada, as mulheres na época sofriam muito preconceito, que era muito difícil conseguir algum tipo de emprego na indústria petroquímica, e comenta que sua irmã enfrentou muitas barreiras até que obteve uma oportunidade de trabalho.

Ao questionarmos sobre a questão salarial, se na opinião da mesma as mulheres recebiam os mesmos salários que os homens, e se as mulheres possuíam o mesmo grau de instrução que os homens, novamente as respostas foram bem rápidas. No que diz respeito aos salários, as mulheres recebiam menos, e quase sempre tinham mais conhecimento, mais instrução do que os homens, sendo que os cargos ocupados por elas eram quase sempre inferiores aos dos homens. Ao perguntarmos, se a mesma tinha conhecimento de assédios sexuais sofridos pelas mulheres trabalhadoras do polo, à resposta foi afirmativa.

Assim a mesma, vai nos relatar que testemunhou vários desabafos de amigas, colegas, e familiares, que confidenciavam seu sofrimento, tudo que tiveram que suportar para manterem seus trabalhos, seus empregos. A senhora C, afirmou ainda que viu muitos casamentos serem desfeitos neste período, por conta desse

contexto, e de não ser novidade para ninguém, as práticas de assédio sexual, cometidas contra as funcionárias do polo. Assim a mesma encerra a nossa entrevista, afirmando, que a vida profissional das mulheres camaçarienses na década de 70, não foi fácil, e que se fossem homens com certeza não teriam passado, por tantos constrangimentos.

4.2.4 Entrevista com a senhora D

A senhora D, não chegou a trabalhar no Polo petroquímico na década de 1970, mas nos confidenciou ter conhecido algumas mulheres, que trabalharam no polo na época. Na opinião da senhora D, a instalação do polo não trouxe benefícios para as camaçarienses, à mesma a firma que foi por diversos motivos. Na opinião da senhora D, o universo das mulheres foi muito massacrado em relação ao universo masculino, assim para nossa entrevistada eram os homens que decidiam, e escolhiam quais postos de trabalho ocupariam, restando para as mulheres às ocupações menos valorizadas.

E afirma foram “mais malefícios do que benefícios, pois desagregou muitas famílias, inúmeras mulheres, na busca de um trabalho desfizeram seus lares, sendo que na realidade aquele emprego não correspondia às expectativas das mesmas”. Por fim, a mesma nos explica que “gerou sonhos onde a mulher buscou se qualificar para concorrer igualmente com os homens, fato este que até os dias atuais não foi possível à concretização dessa igualdade”.

Com relação a ter as mesmas oportunidades de trabalho, a senhora D, responde quase que instantaneamente, “foram os homens, os beneficiados, com os melhores postos de trabalho, em qualquer função, homens recebiam muito mais”, afirma nossa entrevistada, e coloca ainda que em uma sociedade machista como a sociedade brasileira, não se esperaria outra coisa.

Em certo momento de nosso dialogo, a senhora D, acrescentou que “na mesma função, em 1970 era muito difícil, porque a mulher não estava capacitada, para concorrer de modo igual, pois na época um engenheiro de produção, já era formado, e onde estava a mulher formada em engenharia de produção, não tinha”. Assim a mesma finaliza, dizendo que os postos de trabalho ofertados para as mulheres, eram de mão de obra simples, e que a mulher ocupar o mesmo cargo na empresa que o homem, não era possível.

A senhora D, nos falou um pouco de sua formação acadêmica, a mesma é formada em mineralogia que é uma área da engenharia, a mesma estudou na Escola de Engenharia da Bahia. Assim relata que em seu curso só havia ela de mulher, todos os demais eram homens, inclusive os professores. Encerramos nossa entrevista com a senhora D, afirmando que ainda hoje, o Polo Petroquímico é visto por muitas pessoas como única oportunidade de trabalho em Camaçari, isso devido, as poucas oportunidades ofertadas pelos demais setores, como o comércio, por exemplo.

4.3 Análises dos resultados

Percebemos que na opinião de todas as mulheres entrevistadas, as oportunidades de trabalho não foram ofertadas de modo igual, para mulheres quanto para os homens, ou seja, todas responderam que os homens foram mais beneficiados que as mulheres. As mesmas relacionam estes fatos simplesmente por serem mulheres, e que se fossem homens, a vida no trabalho não teria sido tão difícil. Ou seja, questões de gênero como destacado por Scott (1989), e Santos (1998), onde as relações de gênero e de poder são construídas, e marcam o ingresso da mulher no mercado de trabalho.

Resultado que dialoga também com nossas fontes documentais. Como foi caso do registro do arquivo público, que nos deixou claro a preocupação em qualificar a mão de obra masculina, restando para as mulheres às qualificações domésticas.

Com relação às questões relacionadas a salário e escolaridade, nossas entrevistadas responderam que “os homens, mesmo que as mulheres tivessem mais instrução, elas recebiam menos, por suas horas de trabalho”. O relato de nossas depoentes caminha de acordo com os dados do IBGE, sobre escolaridade. Questão reforçada por Guimarães (1997), e Santos (1998), de que no período compreendido entre 1970 e 1980 as mulheres apresentavam um nível maior de escolaridade em comparações os homens, no entanto recebiam menores salários.

Quanto às dificuldades de se conseguir uma oportunidade de trabalho, a Senhora B, afirmou que não teve muitas dificuldades, já a Senhora A, colocou que foi bem difícil, mas ambas concordaram que se manter nos empregos não foi fácil.

Podemos compreender os motivos pelos quais nossas entrevistadas afirmaram não ter sido fácil sua permanência nos postos de trabalho.

Primeiramente por conta do assédio sexual confirmado pela senhora A, e pela senhora B. Segundo pela relação de gênero e de poder construídos ao longo do tempo nas sociedades, como bem nos apontou Scott (1989).

Com relação ao Polo Petroquímico ter trazido, ou contribuído para a melhoria de vida das mulheres camaçarienses, as Senhoras A, B, e C dialogam no mesmo sentido, elas afirmaram que com a criação de empregos diretos ou indiretos, a instalação do polo contribui para uma vida melhor. Apenas a Senhora D, afirmou não ter contribuído para a melhoria das camaçarienses.

Um fato, muito importante surgiu e mereceu muita atenção de nossa parte, ao longo de nossos diálogos, nos foi revelado que muitas mulheres, sofreram assédio sexual, quando trabalhavam no referido Polo Petroquímico. Nossas duas entrevistadas a Senhora A e a Senhora B, confirmaram ter sofrido muitos assédios, de seus chefes. Inclusive como forma de ameaça, pois caso elas não cedessem às investidas dos mesmos, elas poderiam perder seus empregos.

A senhora C, que era comerciante no ramo alimentício na época, também confirmou ter ouvido muitos relatos, de parentes, amigas e conhecidas, que se queixavam das inúmeras investidas de seus chefes. A senhora D, também confirmou ter presenciado queixas de amigas e conhecidas.

Este momento foi importante para nosso trabalho, pois além das dificuldades vivenciadas por nossas entrevistadas, surgiu-nos um novo fato, que não havia sido pensado inicialmente. Esses fatos se referem a uma prática, ou melhor, a um crime muito sério, que diz respeito ao assédio sexual, praticado contra mulheres em seus ambientes de trabalho. Como nos afirma Lobianco (2012), que o assédio é um tipo de conduta que sempre existiu na história da humanidade.

No que tange a relação familiar, nossas entrevistadas consideraram que muitas mulheres, acabavam desistindo do trabalho por conta da pressão de seus companheiros, pois muitos maridos não viam com bons olhos, o trabalho de suas companheiras. Segundo elas, por conta dos inúmeros assédios que aconteciam, e não era novidade para ninguém. Assim todas as nossas entrevistadas, afirmaram conhecer mulheres que tiveram o fim de seu casamento, como consequência da permanência no trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa proposta consistiu em analisar a inserção das mulheres camaçarienses no Polo Petroquímico de Camaçari/Bahia. Assim, após nossos estudos realizados por meio de diferentes fontes, como por material bibliográfico, nos foi possível compreender que a inserção da mulher camaçariense no setor industrial, não ocorreu da mesma forma que para os homens.

As mulheres tiveram que superar muitas barreiras e enfrentar julgamentos ao buscarem se inserir no mercado industrial, uma experiência de certo modo bem dolorosa, que exigiu das mesmas, inúmeros conflitos entre elas os familiares. Foi possível verificar que, para se manter no trabalho, o fim do casamento foi o preço.

Constatamos que os motivos que afastam as mulheres dos postos de trabalho, no início de implantação do complexo Petroquímico no Município de Camaçari Bahia, não estão relacionados a uma menor qualificação ou instrução profissional, pois vimos que na maioria dos casos as mulheres estavam mais qualificadas que os homens. Tão pouco foi por falta de interesse em conseguir uma ocupação no mercado de trabalho.

O que realmente impossibilitou o acesso da mão de obra feminina nos setores industriais da década de 1970, foi o preconceito, a discriminação, a questão relacionada ao gênero. Problemas presentes ainda hoje, não só no estado da Bahia, mas sim em toda a nossa sociedade brasileira.

Outra lamentável constatação no decorrer de nosso estudo, relaciona-se à problemática do assédio sexual, que nossas entrevistadas afirmam ter sofrido, ou mesmo terem presenciado queixas de familiares, amigas, de mulheres que além de todas as barreiras enfrentadas para conseguirem e se manterem em seus trabalhos, ainda tinham que passar pela humilhação do assédio de alguns patrões.

Chefes de setor que para conseguir o objeto de seu desejo, não poupavam ameaças de demissão caso, seus desejos não fossem atendidos, ou ainda aquela que se recusasse, era colocada nos piores serviços, e nos piores horários, humilhadas na presença de todos os colegas de trabalho. Onde muitas tiveram que recorrer apenas ao banheiro, para conter seu sofrimento e seu emprego.

A realização deste trabalho foi algo muito enriquecedor, pois ver o quanto a mulher, já lutou e vem lutando por seu espaço, é realmente muito gratificante. A coragem, a superação vivida por nossas entrevistadas, nos mostra que mesmo em

uma sociedade machista, preconceituosa como a nossa, a mulher consegue seu reconhecimento, sua dignidade, seu valor, ainda que com muito sacrifício, com muita, abdição, mas consegue. Dessa forma, os relatos de nossas entrevistadas, podem servir de motivação, de inspiração para as mulheres, não apenas as camaçarienses, mas sim, para todas as brasileiras.

Nossa pesquisa encerra-se aqui, o que não nos impede em outra oportunidade darmos continuidade, para a mesma. Buscando dessa forma, um melhor entendimento de questões e possíveis lacunas que ficaram em aberto, nesta etapa de nosso estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, V. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. et al. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto. p. 155-202, 2005. Disponível em:<http://gephishnop.weebly.com/uploads/2/3/9/6/23969914/fontes_historicas_carla_bassanezi_pinsky.pdf>. Acesso em: 16 de jan. de 2018.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: edições, v. 70, p. 225, 1977.
- BRASIL, Ministério do Planejamento e Coordenação Geral. Fundação IBGE. Instituto de Estatística. **Censo Demográfico Bahia. Recenseamento Geral 1970**, Série Regional, v. I - Tomo XIII. Disponível em:<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/CD1970/CD_1970_RS.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2018.
- BRITO, S. M. S.; VANIN, I. M. **uma análise de gênero e classe no mercado de trabalho da bahia, na década de 1970**. In: 4º congresso Internacional Interdisciplinar em sociais e Humanidades (CONINTER 4), 2015, Foz do Iguaçu. Disponível em:<<http://www.aninter.com.br/Anais%20Coninter%204/GT%2010/08.%20UMA%20ANALISE%20DE%20GENERO%20E%20CLASSE%20NO%20MERCADO%20DE%20TRABALHO%20DA%20BAHIA.pdf>> acesso em: 19 dez. 2018.
- GOLDSCHMIDT, R. Discriminação no Mercado de Trabalho: Consciência e Ações de Resistência. **Rev. Trib. Reg. Trab. 3ª Reg.**, Belo Horizonte, v.48, n.78, p.231-251, jul./dez.2008. Disponível em: <http://www.trt3.jus.br/escola/download/revista/rev_78/rodrigo_goldschmidt.pdf> Acesso em: 15 jan. 2019.
- GUIMARÃES, I. B. Desigualdades de Classe e de gênero: Mudanças e permanências. In: COSTA, A. A. A.; ALVES, I.. (Org.). **Ritos, mitos e fatos: mulher, gênero na Bahia**. Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, FFCH/UFBA, 1997, p. 39-54. Disponível em: <<http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2018/04/ritosmitosefatos.pdf>>. Acesso em: 28 dez. 2018.
- IBGE. **Censo Demográfico Bahia - VIII Recenseamento Geral, 1970**.
- LOBIANCO, E. R. C et al. **Assédio moral e sexual nas relações de trabalho**. REVISTA DA FACULDADE DE DIREITO-UFU, v. 40, n. 1. 2012.
- MINHOTO, M. A. P.. Articulação entre primário e secundário na era Vargas: crítica do papel do estado. **Educação e Pesquisa**, v. 34, n. 3, p. 449-463, 2008. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/ep/v34n3/v34n3a03>> Acesso em: 01 abril. 2019.
- MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- OLIVEIRA, C. L.. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Travessias**, v. 2, n. 3, 2008. Disponível

em:<<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3122/2459>>.
Acesso em: 18 de Jul. 2018.

PACHECO, A. C. L.. Uma caracterização do trabalho feminino no Polo Petroquímico de Camaçari – BA. In: COSTA, A. A. A.; ALVES, I. (Org.). **Ritos, mitos e fatos:** mulher, gênero na Bahia. Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, FFCH/UFBA, 1997, p. 55-62. Disponível em: <<http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2018/04/ritosmitosefatos.pdf>>. Acesso em: 28 dez. 2018.

PASSOS, E. Impacto da perspectiva de gênero e dos estudos sobre mulher na Universidade Federal da Bahia. In: PASSOS, E.; ALVES, I.; MACÊDO, M.. (Org.). **Metamorfoses:** gênero na perspectiva interdisciplinar. Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, FFCH/UFBA, 1998, p. 37-48. Disponível em:<<http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2018/04/metamorfoses.pdf>>. Acesso em: 09 jan. 2019.

PINSKY, C. B.. et al. **Fontes históricas.** São Paulo: Contexto, 2006. Disponível em:<http://gephisnop.weebly.com/uploads/2/3/9/6/23969914/fontes_historicas_carla_bassanezi_pinsky.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMAÇARI, GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA, Secretaria das Minas e energia. **Programa de desenvolvimento social de Camaçari.** Janeiro/ 1975.

PASSOS, E.; ALVES, I.; MACÊDO, M. (Org.). **Metamorfoses:** gênero na perspectiva interdisciplinar. Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, FFCH/UFBA, 1998, p. 49-57. Disponível em:<<http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2018/04/metamorfoses.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2018

SANTOS, M. R. R. Escolaridade e trabalho industrial: até onde as mulheres podem chegar. In: PASSOS, E.; ALVES, I.; MACÊDO, M. (Org.). **Metamorfoses:** gênero na perspectiva interdisciplinar. Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, FFCH/UFBA, 1998, p. 49-57. Disponível em:<<http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2018/04/metamorfoses.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2018

SILVA, J. S. F. et al. **Relações de Gênero no Mundo do Trabalho:** um estudo com mulheres feirantes no interior da Bahia. XXXVIII Encontro da ANPAD, 2014. Disponível em:<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2014_EnANPAD_EOR1695.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2019.

SCOTT, J. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Texto original: Gender: a useful category of historical analyses. 1989. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%A0Anero-Joan%20Scott.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2019.

APÊNDICE A: Termo de livre consentimento esclarecido

Carta de cessão

Destinatário

Eu.....estado
civil..... Documento de RG.....SSP-BA,
endereço.....

.....cidade.....Estado..... Declaro para os devidos fins
que cedo os direitos autorais de minha entrevista gravada no diade janeiro de
2019, para.....usá-las integralmente ou em
partes, sem restrições, desde a presente data. Abdicando de direitos meus e de
meus descendentes quanto ao objeto dessa carta de cessão, subscrevo a presente.

.....

Assinatura do depoente

APÊNDICE B: Roteiro de entrevista

Hoje 18 de janeiro de 2019, estamos na residência da senhora XX para realizarmos uma entrevista com a mesma. O objetivo de nossa entrevista é o de fazer uma análise de como ocorreu à inserção das mulheres camaçarienses no mercado de trabalho, nos anos de 1970. Mais especificamente, na indústria petroquímica, com a implantação do Polo no Município de Camaçari/BA.

- 1) A senhora trabalhou no Polo petroquímico na década de 1970?
- 2) Em sua opinião nos anos 70, trabalhavam no Polo Petroquímico de Camaçari Bahia, mais mulheres ou homens?
- 3) A senhora conhece muitas mulheres camaçarienses que trabalhou no Polo na época?
- 4) A senhora lembra se foram oferecidas vagas de trabalho para as mulheres de Camaçari na época?
- 5) A senhora considera que as mulheres de Camaçari tiveram as mesmas oportunidades de trabalho que os homens?
- 6) Em sua opinião, a instalação do Polo Petroquímica trouxe benefícios para as mulheres Camaçarienses?
- 7) O local de trabalho era seguro? A senhora recebeu treinamento?